

03.08.84

CANDIDATURA DE ARY CARLOS XAVIER VELLOSO À REITORIA DA UFRRRJ

Esboçarei algumas idéias e pensamentos, tenho certeza, compartilhados pela maioria de vocês, acerca da Universidade. Espero conseguir deixar no bojo das linhas que se seguirão, implicitamente, o que se poderia chamar de programa mínimo deste candidato.

Vejo, atualmente, os estudantes ingressando numa Universidade, que mais se assemelha a uma eficiente máquina burocrática, lançando todo o seu peso sobre o jovem, que na saída recebe um diploma com valor de câmbio, ou sujeito à oferta e à demanda. Tudo isso me parece muito frio, como se o estudante fosse algo industrializado. Em outras palavras, estamos formando profissionais para execução e não profissionais para CONCEPÇÃO.

Citamos, geralmente, como missão da Universidade a transmissão do conhecimento, a pesquisa e o serviço à comunidade. Parece-me, entretanto, que essas missões não são privativas da Universidade. A ESSÊNCIA da Universidade ^{reside} nela ser uma comunidade PENSAnte que deve ensinar e desenvolver o espírito CRÍTICO de seus estudantes, o próprio julgamento. Deve ensinar e pensar com os próprios neurônios. É um centro de CRÍTICA que deve formar graduados capazes de pensar e criticar com independência e que saibam transmitir à sociedade este espírito. Uma Universidade na qual não haja um contínuo discutir sobre problemas importantes, um contínuo intercâmbio de diferentes pontos de vista, é uma Universidade morta. Quando por várias razões, entra no caminho do conformismo, da acomodação, começa a perder a sua essência.

A Universidade não pode ser um centro de rivalidade de idéias e de pensamentos, mas sim de divergência de opiniões, e por que não? Afinal, estamos numa Universidade! Se não houver grandeza de espírito, a vida comunitária transforma-se num inferno. A Universidade deve ser um lugar aberto para todas as discussões e divergências de opiniões. Enfim, um lugar em que cada um fique satisfeito por ter manifestado sua opinião livremente, sem temores de qualquer espécie.

Não devemos ficar apegados às estruturas vigentes, é claro. As reformas, no entanto, não têm atingido, em geral, o âmago do

J. Carlos Xavier Velloso

problema e ficam reduzidas a reformas estruturais, trocando simplesmente a pintura externa do edifício universitário. Muitas reformas acontecerão ainda... Se a Universidade não reformou, previamente, pela sua ação e presença, o contexto e estrutura social e política que ela integra, as reformas se convertem em rios de tinta, em falar muito e dizer nada. E você já pensou em reformar você?

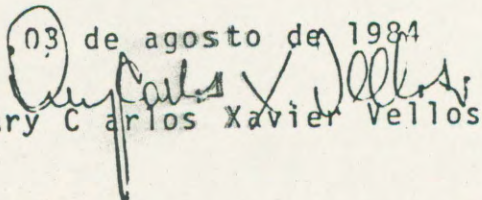
A Universidade, na observância de seu "currículo" e estatutos, se esquece de formar um homem pensante e crítico, de mente e coração abertos. E esquece, também, que o melhor que aprendemos em nossas vidas não resultou de uma estruturação programada.

É necessário que se ensine somente aquilo que se pode ensinar, isto é, aquilo que se pode aprender. Este é um problema, a dosagem do saber. O que se sabe e o que não se sabe. O que se pode não saber. O que se tem o direito de ignorar. Na época atual, de crescimento realmente canceroso da bibliografia científica, ninguém pode conhecer o que se escreveu sobre nenhum tema, ninguém pode sequer conhecer os títulos dos livros e artigos escritos sobre um tema. Portanto, fingir o conhecimento profundo sobre um tema é pura ficção e, por conseguinte, a impossibilidade exige do dever de conhecê-la; já que não se pode conhecer, não há que conhecer. Mas não se pode fazer como se conhecesse. Assim, os estudantes não podem ser como folhas em branco onde os professores podem escrever o que quiserem.

Todo o sistema educativo deve ser orientado para capacitar o jovem para desenvolver seu espírito crítico, julgar as teorias e os programas. Para que esses objetivos sejam atingidos são necessários dois requisitos: professores com vocação universitária e estudantes que ingressam na Universidade para algo mais que obter um diploma.

Não penso que vamos resolver o problema da Universidade. Nenhuma solução é completa. Muitas crises acontecerão, porque a crise é essencial à vida universitária. Também não se pode transformar tudo, porque quem quer transformar tudo, está disposto a não transformar nada, e a que não se transforme nada.

UFRRJ, 03 de agosto de 1984


Ary Carlos Xavier Velloso